

Indomáveis botocudos

Pesquisador refaz a saga, registrada em fotografias, de índios brasileiros que eram levados para experiências científicas e acadêmicas na Europa

Reproduções



O rapaz: uma certa altivez num rosto endurecido pela raiva muda

DENISE LOPES

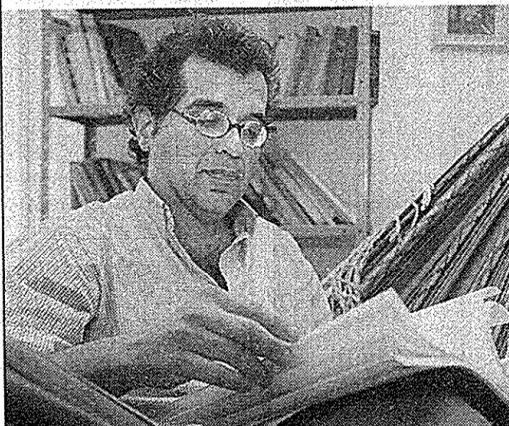
Aprisionar o espírito, classificar a histeria, pesquisar o movimento, expor, desnudar e provocar muitas vezes o espetáculo jocoso da degradação, sempre sob a argumentação científica de que se buscava o saber. Assim começavam as primeiras experiências fotográficas na primeira metade do século 19. Os índios brasileiros capturados e levados para serem "estudados" na Europa eram classificados na zoologia e serviam de "espécimes" para observações em espaços médicos, acadêmicos, que muito lembravam os auditórios de hoje. Seus corpos eram apresentados, medidos, pesados, apalpados e, invariavelmente, se tinha o desejo de "registrá-los". Cinco daguerreótipos – imagens produzidas num aparelho inventado, em 1822, por Jacques Daguerre – de um casal de índios botocudos, encontrados na coleção Jacquart do Museu do Homem, no Trocadero de Paris, pelo jornalista e professor de história Marco Morel, datados de 1844, e assinadas por E. Thiesson, podem ser as imagens mais antigas de índios brasileiros, produzidas nessa atmosfera.

Envolvido com tese para doutorado na Universidade de Paris I sobre a formação do espaço público, no Rio, na época da Independência, Morel acabou se interessando pela declaração de guerra de Dom João VI, em 1808, aos botocudos – índios mais populosos que ocupavam o litoral, do Sul da Bahia ao Norte do Rio, últimos a serem "pacificados" – e encontrando a citação do médico francês Philippe Rey das fotos do Museu do Homem, um dos principais centros etnológicos do mundo. Mas lá, em meio às maiores coleções de objetos primitivos, ele nada encontrava. Sequer achou referência nos fichários. Foi preciso uma carta à diretora do museu para que os daguerreótipos aparecessem. A justificativa dada para a dificuldade de acesso foi: raridade. A curiosidade inicial, as descobertas inéditas e o sentimento de discriminação que sentia na França – "havia muita antipatia e, para piorar, para eles, pareço árabe" – deram origem ao livro *A guerra dos índios bravos, cinco séculos de violência e atividade*, que acaba de escrever.

Autor de *Cipriano Barata panfletário da independência*, *Frei caneca: cristianismo e revolução* e *Jornalismo popular nas favelas cariocas*, Morel descreve no livro toda a trajetória dos botocudos. Desde quando eram conhecidos como aymorés até a população de cerca de 110 krenaks, que ainda reside hoje numa área de 3,8 mil hectares, na cidade de Resplendor, em Minas, passando pelas ruínas do presídio para índios que funcionava ali nos anos 70. "Estive lá no ano passado e pude constatar a dignidade e a consciência de identidade que ainda conservam", diz Morel. O massacre dos botocudos durou até o século 20. "Em 1822 eles começam a sofrer as derrotas mais importantes, mas só em 1920 se refugiaram no Rio Doce sob o comando do capitão krenak. Nos anos 50-60 foram dados como extintos até por estudiosos como Darcy Ribeiro."

Os botocudos, segundo Morel, foram responsáveis pelo fracasso de pelo menos três capitânias – Ilhéus, Espírito Santo e Porto Seguro –, pelo assassinato do filho de Mem de Sá, Fernando de Sá, e pelo abandono de diversas áreas de mineração. Morel contabilizou em sua pesquisa que há pelo menos 86 crânios de botocudos espalhados por museus no mundo. Os "índios bravos" eram capturados nas folhas de prata pura sobre placa de cobre do instrumento primitivo chamado daguerreótipo, que tirava um registro por vez. Na véspera da data que comemora em todo país o Dia do Índio, ficam essas duas imagens, de um homem e uma mulher, que foram levados além mar para posarem de modelos para a ciência.

Adriana Caldas



Marco Morel encontrou resistências à pesquisa



A moça: Gioconda dos trópicos a desafiar com expressão enigmática

Subversão das imagens

MARCO MOREL*

A série de cinco daguerreótipos de dois nacnenucks (botocudos) do acervo do Museu do Homem, em Paris, constitui não só raridade mas momento importante na história da fotografia e das formas de registro dos grupos então chamados "primitivos". São umas das mais antigas e possivelmente as primeiras fotos de índios do Brasil, tiradas por E. Thiesson em 1844 (seis anos após a invenção da técnica do daguerreótipo) em preto e branco, com ligeiros reflexos coloridos.

Esses índios viviam na região do Rio Doce, Minas Gerais, então coberta pela Mata Atlântica, e envolviam-se em combates sangrentos com fazendeiros e militares brasileiros. Depois de atravessar o oceano, encontraram-se no cerne do pólo civilizatório e cultural do Ocidente. A presença desses "selvagens" causou ebulição no meio intelectual parisiense. Foram tema de debates na sessão

de verão da Academia de Paris em 1843. Depois da discussão acadêmica, a decodificação: apalpados, medidos e enquadrados nos cânones do discurso institucional da antropologia física. Sem esquecer o vocabulário, publicado em edições trilingües: francês, português e "botocudo". Foram alvo de comparações com índios americanos e, em seguida, aprendidos pela fixação de suas imagens.

Tais fotografias, interpretadas, trazem à tona aspectos interessantes, objetivos e subjetivos. Mesmo sem palavras, elas apresentam elementos para compor uma narrativa. Os sentimentos e dores que não cabiam nos parâmetros do discurso científico ressaltam dessas imagens mudas, sem palavras escritas. As fotos indicam algumas pistas, digamos, materiais. O corte de cabelo, colar, botocudo e furo no lábio apontam identidade étnica e que eles nasceram nas selvas. Numa visão de conjunto impressiona o ar de melancolia e abatimento: o pano no colo camufla a nudez. O local equivalia a um estúdio, onde as pessoas fotografadas são enquadradas em determinada composição visual. E nada de cenários exóticos, palmeiras ou vegetação tropical – a intenção era o olhar científico, rigoroso, implacável.

A mulher fotografada encara o interlocutor (até hoje): olha sem rodeios para o aparelho (e para tudo que está

por trás dele), mãos cruzadas placidamente no colo. Jovem, é uma *Gioconda* dos trópicos, a nos desafiar com expressão enigmática, contundente e até meiga. Diante do naufrágio de sua vida e de sua coletividade, ela parece reunir sofrimento, solidão e colocá-los, oferta, na expressão eternizada na imagem. O rapaz, ainda mais jovem, um adolescente, magro, ossos do tórax aparecendo, guarda certo vigor físico, de quem era musculoso mas emagrecceu. Embora de frente, mantém pálpebras semicerradas no momento da foto, o que lhe dá aparência esquiva. Ainda preserva certa altivez, quase apagada num rosto endurecido pela raiva muda e impotente, talhado em pedra e desolação. As manchas na pele (face e braço direitos) indicam que estava doente. A imagem de perfil, pescoço virado bruscamente, dá a impressão de que oferece a cara à tapa, como para evidenciar a violência que sofria.

Mais do que registro neutro ou "real", esses daguerreótipos trazem uma carga civilizatória. Mesmo que a intenção dos detentores das imagens fosse fazer estudos "raciais", as expressões e condições de vida desses índios registradas pelas fotografias são também significativas. Abandonando a situação de cobaias, esses índios se expressaram. Como se os objetos fotografados se apropriassem da imagem e subvertessem seu significado, criando outros dis-

curso não verbalizados que transcendiam o movimento de fixação, conhecimento e controle contido no ato de fotografar. A sua maneira, esses índios posaram, responderam com seu corpo tudo aquilo que não aparecia nas suas vozes: elaboraram seu discurso, contaram sua história, ainda que sem palavras.

A realização desses daguerreótipos significou uma evolução tecnológica da civilização ocidental. Guerra e imagem interligadas. Paralelas ao relâmpago dos fuzis e facões da Conquista, vinham as Luzes do progresso, seguidas dos flashes das primeiras câmeras. Os temíveis "botocudos" finalmente fotografados. Esfínges captadas pela tecnologia e decifradas pela racionalidade científica, suas imagens guardam intactas a opressão a que foram submetidos. Tão diferentes da imagem mítica ou romântica do "homem novo americano", tão distintos das alegorias patrióticas indianistas em voga no século 19 – estes índios retratados não apresentam tampouco a expressão feroz de canibais devoradores. Este homem e esta mulher (classificados na Academia de Paris no campo da Zoologia) parecem nos dizer que seus "espíritos" e seus corpos estavam irremediavelmente aprisionados ali, no momento em que explodiu diante deles a fumaça dos daguerreótipos.

*Professor de História da UFRJ